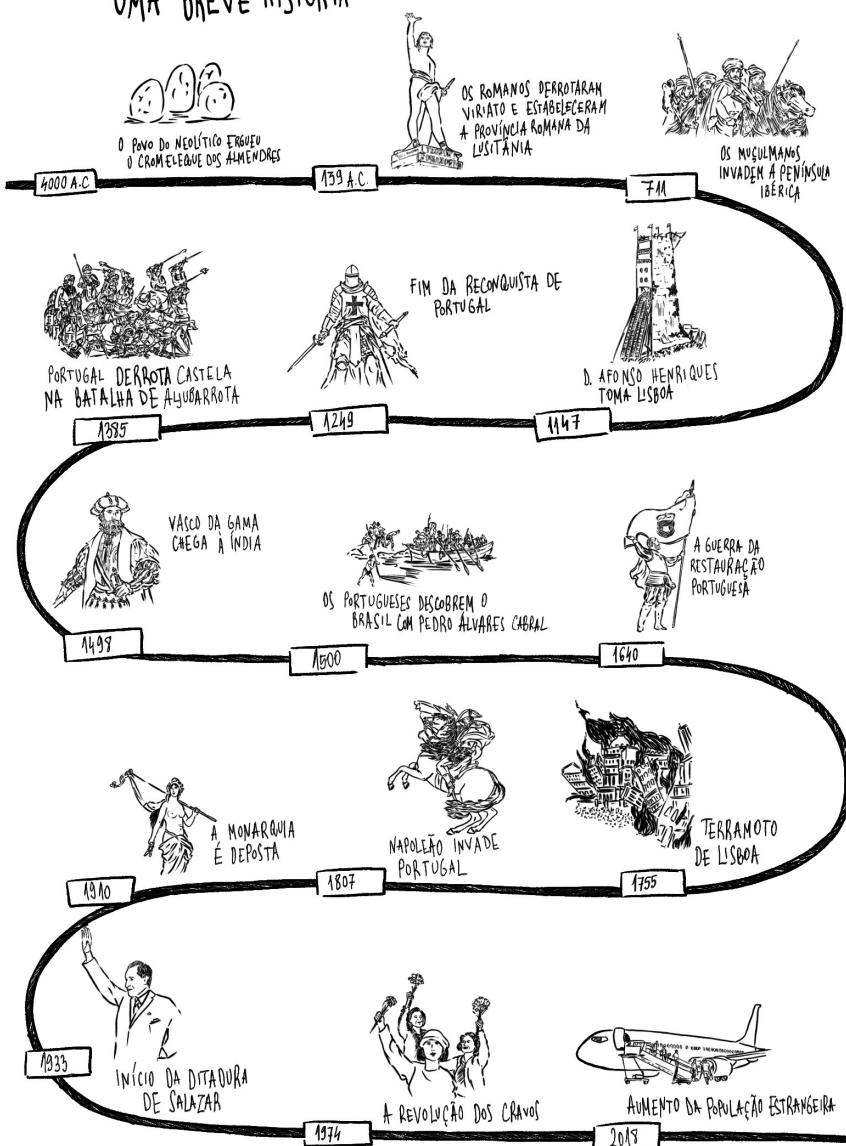


PORtugal

UMA BREVE HISTÓRIA



NOTA DO AUTOR

«Mas eu estou a dar o meu melhor!», digo à minha mulher, quando ela se queixa por eu ter dado iogurte com mais de cinco dias de validade ultrapassada ao nosso filho de doze meses. Na mesma lógica, com este livro, tentei dar o meu melhor para ser um historiador e um verificador de factos razoável. E, embora seja formalmente pai (ainda se aguarda um teste de paternidade), não sou formalmente nem uma coisa, nem outra. Assim, tal como o iogurte expirado, algumas datas ou factos podem ter escapado e perturbar um ou outro serão de perguntas e respostas.

Dito isto, tentei destilar neste livro tudo o que li, aprendi, discuti e descobri nas minhas viagens por este país beijado pelo sol, com cicatrizes de batalhas, barcos acostados e encharcado de vinho, e dei o meu melhor para o manter factual.

Divirtam-se!

PRÓLOGO

No dia 1 de junho de 1147 d.C., treze mil soldados flamengos, frígios, normandos, ingleses, escoceses e alemães, a bordo de 168 navios, desceram a costa do noroeste da Península Ibérica ao longo dos reinos de Leão e Castela. Estes reinos remotos, enfraquecidos após meio milénio de guerra contra os exércitos árabes que avançavam de África, eram agora os últimos e frágeis bastiões da Cristandade neste canto da Europa. E a separá-los do Islão, que se estendia até à Ásia Central, estava o pequeno condado vassalo Portucalense.

Nada disto agradava aos soldados, pois eram cruzados, a caminho de Jerusalém, respondendo ao apelo do Papa para libertar a Terra Santa dos infiéis. Mas nesse dia, em 1147, deu-se uma tempestade. Uma tal tempestade que os obrigou a refugiar-se na pacata cidade do Porto, na zona tampão do Condado Portucalense, e alteraria o curso global dos acontecimentos, dando origem a um novo país.

O governante deste condado era o Conde Afonso Henriques, cujo objetivo era fazer recuar os exércitos muçulmanos e estender o domínio cristão para sul, até ao Mediterrâneo. Poucos meses antes da chegada dos cruzados, «libertara» a cidade de Santarém. Apenas 70 km a norte da preciosa possessão árabe Al-Ushbuna, uma cidade de 150 000 habitantes, a maior da Península Ibérica, onde se situava o «melhor porto de mar da costa atlântica», que viria a ser conhecida como Lisboa. Al-Ushbuna não era Santarém, nem Leiria, nem

qualquer outra das pequenas cidades que D. Afonso Henriques conquistara nos últimos tempos. Era quase inexpugnável, com as suas muralhas e o seu exército permanente contra um bando de soldados maltrapilhos. Assim foi até uma tempestade ter enviado para o comando de D. Afonso Henriques um grande exército recém-equipado, empenhado em matar infiéis.

*

A tomada da futura Lisboa foi determinante no conflito secular entre a cristandade e o mundo muçulmano e assistiu à expansão do Condado Portucalense, que o Papa logo reconheceu como reino, com Afonso Henriques como seu rei. Com a chegada dos cruzados, o país continuou a consolidar-se e, ao avançar para sul e dominar a região árabe do Gharb al-Andalus, mais tarde rebatizada como Algarve, foram estabelecidas as fronteiras de Portugal.

Cercado pela Espanha a leste, o reino aventurou-se pelos mares, descobrindo o Brasil e o caminho marítimo para a Índia, afirmando-se assim como o primeiro império global e acumulando com isso uma fortuna. Foi um longo caminho desde a perda da sua independência para Espanha até à sua violenta recuperação, para depois se desmoronar sob o pior terramoto da Europa e ser devastado por Napoleão. Sobreviveu à eclosão de uma guerra civil e à exigida independência da sua joia sul-americana, culminando num século de crises marcado pelo assassinato do seu rei. Assim se inaugurou a democracia no país que logo assistiu ao seu colapso com o fascismo, até à sua revolução heroica. Por fim, assumiu a independência das suas colónias até entrar nas Comunidades Europeias e cimentar o seu lugar como um Estado moderno do século XXI.

De um país que nasceu com uma invasão, quase novecentos anos depois, está agora a renovar-se parcialmente com uma nova invasão, desta vez também por milhares de forasteiros, que trazem consigo as suas estranhas ideias, como responder a *emails*, e voltam a sitiar Lisboa, desta vez com ofertas em dinheiro para apartamentos pequenos e pouco ventilados.

CONHEÇA OS TUGAS

Foi para estes novos invasores que escrevi este livro. Para lhes revelar a longa, sensacional, trágica e inspiradora história desta nação. Para lhes oferecer uma visão do espírito deste país e do seu povo, e do contexto em que nasceram.